

DIDÁTICA

MARTIN

Sérgio Andrade Sant'anna e Silva
5º Ano — Faculdade de Direito

Quando há pouco se deixou as tranças, o professor pode ser visto apenas como um homem de óculos, sério no seu terno mal passado e monótono na repetição.

Ele era professor de inglês.

O que havia, sobretudo, era uma grande dificuldade com a pronúncia. Mas a maior agravante era o horário: o último antes de se ir embora.

Soava uma sirene e elas vinham, preenchendo o absoluto silêncio e a sua expectativa renovada com risadas e arrastar de pés. Empurrada a porta com decisão, elas entravam: trinta.

Um colégio respeitável, as gracezas das meninas cuidadosamente escondidas no uniforme mutilador e tôdas outras formalidades cumpridas rigorosamente, inclusive algumas orações e os hinos nas vésperas cívicas.

Por isso, muito cuidado com as palavras, mesmo numa aula de inglês. E assim acontecia um verso não lido num poema e um grande silêncio sobre certos assuntos. De preferência, aquelas frases, as flôres sendo amarelas na primavera da Inglaterra e o pai de John trabalhando como engenheiro diretor.

Sobrinho de um dos proprietários, ele ainda permanecia, enfrentando as cóleras mal disfarçadas e a desconfiança cons-

tante. Sim, porque desde o princípio êles entenderam que o novo professor não era um dos seus: nunca havia falado nas reuniões do corpo docente e, de vez em quando, era visto mesmo com uma rosa prêsa no bôlso do paletó.

Depois, a sucessão de mal-entendidos.

Naquele dia a frase: “a avó de Peter carregando o navio nas costas, a cruzar o Oceano Atlântico, vestida com um terno escuro e em companhia do cachorrinho da família”. Pula-se uma linha e têm-se o absurdo. Dá-se o absurdo e há uma súbita descontração. Foi uma gargalhada sem precedentes. Lindíssimos dentes brancos mas, o fato devidamente anotado contra êle.

Certa vez o poema crescendo dentro de si até que recitou-o inteiro. Ah. quando se é professor de adolescentes; jamais dizer o verso lindo em presença da menina sonhadora e solitária e, principalmente, jamais lhe sorrir de uma maneira especial. Ela anotara a frase: “. . . aquêles dias de êxtase indizível. Quando as bôcas se uniam”. Em casa, não se admitiam êxtases. Muito menos a diretora. Êle tentando esclarecer que a tradução de poemas era importante para a matéria. Descobrimo alguém que o poeta era francês, êle se calou.

Sucedera, entretanto, apenas o inevitável. De um modo ou de outro terminaria por dar-lhes os motivos.

Já ao entrar pela primeira vez no velho edifício, conduzido pelo tio, imediatamente notou o môfo nas paredes. Após a entrevista na Secretaria, descobrimo que também êle se encontrava nas pessoas.

E a velha diretora. Ao se verem naquele dia não levaram mais que quinze minutos para que se conhecessem. Ela falou um pouco, êle mantendo-se calado. Mas traiu-se. Por algum detalhe que lhe escapou, traiu-se. Talvez uma leve troça inconsciente nos lábios, ou mesmo um ar de desânimo ou indiferença. Mas o que importava de fato é que ela soube desde logo, e para sempre. Naquele instante, porém, a presença do tio entre os dois. Êle conseguindo ainda dizer algumas palavras: uma promessa . . . agradecimento . . . não sabia bem. Alguma coisa como

“está certo”, “farei o que fôr possível para enquadrar-me nos seus planos.”

Era mentira. Mesmo que quisesse de verdade seria impossível. Não tanto pela vontade de lutar contra êles — era pouca. Achava inútil. Compreendia demais e também se conhecia. Tudo se passaria diferentemente. Êle se desgastando aos poucos. Uma palavra escapada num dia, um gesto impreciso em outro e, especialmente, o não cooperar com o objetivo dêles. Isto acabaria por não ser tolerado. Aquêles tipo de gente sentindo a necessidade de uma tranqüila uniformidade ao seu redor. Por isso não suportando as meninas, possuídos pelo medo. Como se, de repente, o mundo estivesse sendo tirado do seu alcance. Era certo que livrar-se-iam dêle, sua presença incomodando demais até a saturação.

Mas a luta seria com a velha. Com os outros era muito automático: não sabiam direito o que estavam fazendo. Mas ela, conhecendo seus mínimos atos; o ódio . . . a simulação. . . . Entretanto, como se sômente com a presença dêle — a coisa vista de fora — tudo se tornasse real. Seus sentimentos não mais lhe pertencendo exclusivamente. E quando êle a encarava ela sabia que êle sabia. Apesar de tudo, os motivos idênticos, ela odiando as meninas pela mesma razão que êle as amava. Alguma coisa que não podiam mais agarrar. E precisava também a velha de estar próxima a elas. Ver de perto e não permitir.

Rígida, a voz cortante, o andar rápido conhecido por todos pelas chapas de metal no salto dos sapatos, sua presença em todos os lugares. Aquela frase moral na parede era de sua autoria; nas palavras sussurradas com temor era sua figura que se interpunha e nos gestos suspensos pelo meio era ela quem segurava as mãos.

Agora, para êle, só restava a espera. Uma vez desencadeadas tôdas aquelas fôrças não haveria a menor dose de chance de escapar. Apenas o tempo suficiente para o convencimento do tio no que faltava. O tio. Quase poderia adivinhar o momento em que sua decisão, eliminando tôdas outras possibilidades, seria tomada. “Não se pode ser indulgente quanto a

certos assuntos. Mesmo em se tratando de pessoa da família: antes de tudo o bom nome do colégio.”

Entristecia-se? Não podendo afirmar com certeza. Considerava-se conformado, os acontecimentos desenrolando-se sem que pudesse evitá-los. Enquanto isso, simplesmente não conseguindo tomá-los em tôdas as suas conseqüências. Seria preciso esperar os dias em que não mais visse as meninas pela frente para apreender todo o significado delas. Mas havia o pressentimento. Mais ou menos como a volta diária para casa. Uma cama de ferro ... o apartamento vazio...

Não; seria pior. Então, nem mesmo a espera do dia seguinte..

E sem êle as coisas se passando quase do mesmo modo. A velha reinando sôbre todos, os professôres tranqüilizados pela segurança que ela lhes dava. Não tendo que encontrar-se consigo mesmos. Apenas as alunas atuais sentindo um pouco sua ausência. Não por êle exatamente. Mas percebendo que algo se tornava mais difícil. As que viessem a seguir, nem sequer notando que poderia ser diferente.

Os dias contados. Mas, por enquanto, continuar a dar as aulas.

Sôbre o estrado de madeira, envolvido numa tênue névoa de giz, a sua perspectiva: por cima das cabeças a parede nua com o crucifixo. A sala despojada, carteiras velhas e escuras e o enorme quadro negro. Trinta pares de olhos em várias direções, os pensamentos ramificando-se em inúmeros caminhos.

Ah Quando se é professor de meninas adolescentes...

Um dia de verão o sol penetrando geomêtricamente pelas janelas. A fumaça do cigarro enovelando-se com as partículas flutuantes no raio de luz. Uma gôta de suor pingando na fôlha em branco.

Com o calor, todo esforço sendo feito para suavizar o tempo escorregando lentamente.

A carícia feita de leve, mão suspensa no ar, o imperceptível ajeitar do cabelo da amiga — o amor — o olhar de entendimento de muitas confidências anteriores. Tão juntas e distantes — o

verso vivendo nos olhos da outra. Não esquecer de contar o mínimo detalhe, explicando sempre, para que não paire o mal entendido.

Em tôdas elas os gestos abortados, a energia prêsa voltando-se para dentro, dedos crispados por atos irrealizados.

Na primeira carteira, com o lápis na bôca, a absoluta inocência de si mesmo, as pernas de quinze anos generosamente à mostra. Uma promessa de mulher, um instante de placidez. A lourinha bonita concentrada em projetos felizes, a vida tôda depois, depois. . .

A outra, de óculos, fitando o vazio, por cima do professor, a idéia triste sempre repensada em soluções passageiras.

Na garota escondida no fundo da sala a falta de identidade. De quem nunca se conseguirá lembrar na ausência.

E os dias de chuva. . . um devaneio sem fim, os olhos da menina magrinha contemplando o morro próximo quase encoberto pelas nuvens. Lá fora o barulho da água caindo . . . lá fora o mundo.

O verde envolvido com o negro e o vermelho. Fantasias. A mente projetando um corpo alongado para uma linda mulher. Rostos masculinos em sorriso protetor. A música impossível. Todos os caminhos em busca da harmonia.

Aos quatorze anos o futuro sendo a ocupação principal, o passado tendo-se tornado uma imagem baralhada, desangústia perdida sem saudades. Elas enfrentando com destemor a metamorfose violentamente dolorosa. Tarefa impossível a de obstruir o caminho. Teriam sempre fôrças para colocá-los à margem e prosseguir. Pobre velha idiota.

A sua turma. Cada ano uma nova leva de meninas, as anteriores perdendo-se para sempre. Estranhos sêres; tão diferentes dêles como se formadas de outra matéria.

A princípio avaliavam-no com cuidado. Depois o desafio. Certificadas, não mais o encaravam como o obstáculo a transpor, embora as infelizes fizessem todo o esforço para atrair-lhe a atenção.

No decorrer do ano, êle sendo testemunha dos seios rompendo decididamente. Lágrimas furtivas sem motivo palpável, retratos circulando de mão em mão. Mais de uma vez, surpreendendo uma certa atenção penetrante — de procura . . . aproximação . . . ?

Mas êle não podia; a não ser disfarçadamente.

Sim, porque como professor de meninas êle poderia ser visto de muitas maneiras mais que o monótono homem monologador. Era muito arriscado.

Como aconteceu com Júlia. Há uns três anos. Deixando-se ficar no fim da aula. Sempre uma última pergunta a fazer. Demorava-se diante dêle, uma certa súplica naquele olhar. O quê, meu deus? Não podia permitir-se compreender.

Duas ou três vêzes que ela o acompanhou na direção de casa, andando agitadamente, a falar de todos os assuntos disponíveis. Queria responder, mas aquela enorme preocupação dentro de si fazendo-o vigiar todos os cantos da rua. Como se estivesse cometendo um monstruoso crime. Então não queria e se afastava embora quisesse profundamente. O quê . . . ? Pois mal se distraíndo, percebendo-se envolvido na tarefa de atraí-las, sentindo-se depois totalmente desarmado. Filhas? Não, não seria bem isso. Tão pouco era o sexo: êle não se perdoaria.

Jamais conseguindo certificar-se completamente do que pretendiam elas. Talvez também lhes faltasse alguma coisa muito grande. Quem sabe êle poderia . . . Não, era engano. Êle fazia parte de suas descobertas. Só isso. Tremendamente passageiro. Em breve não conseguiriam nem lembrar-se de que houve, em certo tempo, uma aula de inglês.

Duplicando-se, desejava fugindo. A vida. Queria a vida. No dia em que não pudesse mais amá-las estaria irremediavelmente morto. Como a velha e os demais. Fazendo-se presentes apenas pelo mal estar que provocavam.

Mas tinha que ser à distância. Havia os outros e o medo. Deixá-las inteiramente separadas de si, sua única ligação sendo aquela aula insôssa. O máximo que podia eram as palavras. Mas nunca ir longe demais. Como fôra, agora inevitavelmente

condenado, destinado à solidão. Encarregar-se-iam de colocá-lo no seu devido lugar e daí em diante tendo que viver a sua única e própria vida. Talvez lhe estivessem tirando um pêso de cima. A realidade necessária. Ser pôsto de lado como todo o resto, o mundo cada vez adquirindo maior mistério para êle. Até o dia em que teria de contentar-se em olhar o tempo e ler os jornais.

Sòmente enquanto êle ainda estivesse por ali haveria sempre a turma seguinte.

Um dia, nunca mais.

Quando se é professor de meninas é preciso fazer o jôgo. Se se quiser conservar o emprêgo.